



**HAL**  
open science

## **Carlinda: do café ao leite.**

Vincent Nédélec, Q'Enty Delgado, Valdileine Siqueira, Vincent Dubreuil

► **To cite this version:**

Vincent Nédélec, Q'Enty Delgado, Valdileine Siqueira, Vincent Dubreuil. Carlinda: do café ao leite.. F.M.Le Tourneau & O. do Canto. Amazônias brasileiras: situações locais e evoluções, 1, NUMA-UFPA, pp.183-202, 2019. halshs-02349903

**HAL Id: halshs-02349903**

**<https://shs.hal.science/halshs-02349903>**

Submitted on 11 Nov 2019

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## CARLINDA: DO CAFÉ AO LEITE

---

V. Nédélec

Q. Delgado

V. Siqueira

V. Dubreuil

Em trinta anos, o Mato Grosso tornou-se uma das fronteiras mais ativas da Amazônia (COY, 1996; DUBREUIL, 2002; THÉRY, 2009). Quando o Governo Federal criou o PIN, em 1970, apenas o Sul do atual Estado do Mato Grosso já tinha sido ocupado devido ao garimpo (bacia do rio Cuiabá e região de Diamantino), pecuária (Pantanal) e agricultura familiar (região de Rondonópolis). Em 1974, a abertura da BR 163 ligando Cuiabá à Santarém levou vários projetos de colonização privada em direção ao interior do Estado e a outras regiões da Amazônia. Os primeiros empreendimentos foram realizados por empresas privadas de colonização que implantaram projetos de milhares de hectares e de onde surgiram cidades como Alta Floresta, Colíder e Sinop (COY, 1996; DUBREUIL et al., 2009).

Até 1978, o INCRA não tinha nenhum projeto na região. No final da década de 1970, o Governo Federal procurou implementar projetos de colonização pública ao longo da BR 163. O INCRA não quis assumir sozinho a realização desses projetos. O custo alto de implantação e o sucesso dos projetos privados levaram o INCRA a desenvolver um novo tipo de colonização pública: o Projeto de Assentamento Conjunto (PAC), onde “seriam somadas as experiências e recursos do órgão colonizador oficial (INCRA) e da iniciativa privada (cooperativas)”. Assim, foram criados os PACs. No Mato Grosso, o governo instala seis PACs: Terra Nova, Peixoto de Azevedo, Ranchão, Lucas do Rio Verde, Braço Sul e Carlinda (NÉDÉLEC et al., 2005).

Os seis projetos não tiveram uma evolução similar. Em cada um deles, o INCRA implementou as principais estruturas viárias e sociais (escola, posto de

saúde, etc.). Cada cooperativa ficou com a responsabilidade do planejamento da ocupação e da busca pelos colonos. Devido isso, alguns projetos foram ocupados rapidamente e em outros a ocupação ocorreu bem mais lentamente. As últimas aberturas realizadas nos PACs da região norte do estado foram destinadas à pecuária, ao contrário das áreas de cerrado, onde as últimas aberturas ocorreram em 1999 e, em 2002, a grande maioria dos lotes já era aproveitada para agricultura mecanizada.

Em Carlinda, a evolução mostra a passagem de culturas perenes (café) para o gado, na primeira fase para a criação de carne e depois laticínios. Assim, este estudo tenta entender a chegada do sector leiteiro no setor D e como se organiza a produção e agricultura com as restrições ambientais do local. Para este estudo, duas estadias de um mês e meio (junho-julho de 2013 e 2014) foram realizadas, junto aos produtores de leite da comunidade D do município (DELGADO, 2015). Questionários sobre a composição familiar, a produção e os rendimentos foram aplicados com 60 diferentes famílias. Em seguida, foram realizados, para 124 pessoas, perguntas sobre o curso da vida, a relação com o clima e as perspectivas futuras. Esse questionário foi aplicado apenas em pessoas com mais de 15 anos, 56 mulheres e 67 homens.

### **Uma pequena história de Carlinda**

No final dos anos 70, a colonizadora da região de Alta Floresta - Integração, Desenvolvimento e Colonização Ltda. (INDECO) - cede à Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), com sede em São Paulo, parte das suas terras no norte do Mato Grosso. A área, que abrange cerca de 100.000 hectares, está localizada entre as margens do Rio Teles Pires ao leste e as do Rio Quatro Pontes ou Rio Carlinda a oeste (NÉDÉLEC, 2000). A CAC compromete-se em implantar um projeto de colonização de acordo com o INCRA. Dá-lhe o nome de Projeto Conjunto Assentamento de Carlinda, em referência ao rio próximo (com o nome da esposa do Capitão Teles Pires que explorou a região e parou nas margens do Rio no dia do aniversário de sua esposa).

Em 1981, o PAC Carlinda começa a se desenvolver. O projeto de ocupação da área foi planejado em cinco fases (NÉDÉLEC, 2000; NÉDÉLEC et al., 2005). Os primeiros lotes oferecidos pelo INCRA, com um tamanho de 100 hectares para as duas primeiras fases e 50 hectares para as últimas, foram diretamente ocupados. No entanto, as propriedades oferecidas para venda pela CAC são maiores em tamanho, entre 100 e 500 hectares, lutando para encontrar um comprador. Diante dessas dificuldades, a CAC abandonou o projeto após a segunda fase e deixa a cargo do INCRA a conclusão do processo. Em 1988, quase 1.300 lotes foram alocados. Em 1º de janeiro de 1997, o município de Carlinda é reconhecido oficialmente; localizado ao norte, o assentamento cobre 40% da área total; o restante, ao sul, foi ocupado por fazendas agropecuárias (arroz, milho, gado).

Mas o desenvolvimento agrícola do assentamento chegou rapidamente aos seus limites. A falta de fundos para o investimento agrícola e a cooperativa agrícola estabeleceu falência. A permanência da agricultura familiar teve a dura pena que se adaptar às leis do mercado global e a agricultura perene, especialmente o café, para se manter com dificuldades, bem como em outras regiões da Amazônia brasileira (THÉRY, 1997; DROULERS, 2004). A produção, finalmente, foi caindo devido a diferentes fatores: a falta de infraestrutura para fretamento, os preços irregulares do mercado, falta de adaptação e organização dos migrantes no setor, febre do ouro, etc. Nesse contexto, o gado e a produção de leite foram se tornando alternativas à cultura perene, a fim de satisfazer os mercados locais - Instituto Ouro Verde (IOV). No final dos anos 1990, o rebanho bovino aumenta, por ano, 20.000 cabeças na cidade e estabiliza em torno de 230.000, em meados dos anos 2000.

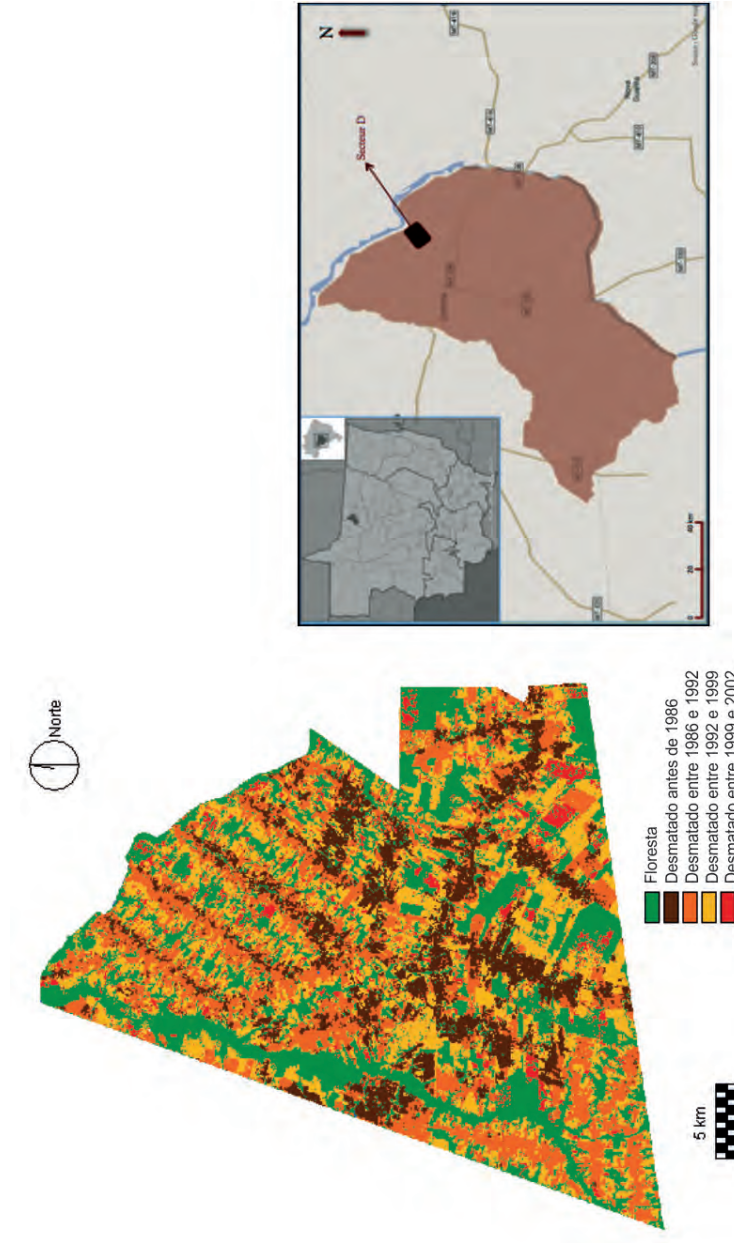


Figura 1: Localização e evolução da ocupação do solo no PAC Carlinda a partir de imagens Landsat (fotomontagem).

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.

A partir de imagens de satélite da série Landsat, foi realizado um estudo multitemporal da ocupação do solo desse projeto. Esse trabalho mostra a dinâmica do desmatamento e permite identificar alguns fatores responsáveis pela forma e velocidade dos desmatamentos, assim como os modos de uso do solo. A situação original, que corresponde às regiões de floresta ou de cerrado virgem, foi definida através da imagem de 1975. Depois, foi usada uma imagem de 1986, fechando assim a primeira fase de desmatamento durante o ciclo do garimpo que modificou bastante a paisagem e a atividade econômica do norte do Mato Grosso, no final dos anos 1980. O ciclo do garimpo se finalizou em 1992 e a região entrou em uma nova fase de transição onde a pecuária, as culturas perenes e a agricultura familiar se desenvolveram. A partir de 1999, a agricultura familiar e as culturas perenes foram progressivamente abandonadas pelos colonos, dando lugar à pecuária. A partir de 2002, a maior parte da região passou a ser desmatada e essa situação permaneceu até o final dos anos 2000 (NÉDÉLEC et al., 2005). Contudo, as principais mudanças ocorreram nas zonas rurais com as novas orientações econômicas.



Figura 2: Localização das parcelas pesquisadas no setor D de Carlinda em 2013 e 2014.

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.



## **A Revolução leiteira da década de 2000**

Em 2005, na Área D, 66 criadores se unem para criar a Cooperativa Nazaré com a ajuda da ONG IOV. O objetivo principal é estimular a produção de leite para venda às centrais leiteiras já estabelecidas na região. A cooperativa reduz os custos de produção e padroniza o preço, até agora diferente para todos. Para o frete do leite, a cooperativa faz a sua própria coleta, estoca a produção dos proprietários e transporta a produção até o laticínio. O grupo de criadores podem assim colaborar e negociar com os laticínios (Marajoara, Primo, Lactivit) preços fixos. A produção de leite experimentou um forte crescimento, em 2007, para todo o município de Carlinda: a produção passou de 4000l/dia a mais de 13000l/dia, em média.

Tudo isso provoca uma série de consequências, e mais e mais produtores se movem para esse setor. De fato, a produção de leite fornece uma renda diária, enquanto a cultura perene permite um rendimento anual. Outros projetos semelhantes são realizados nas comunidades rurais da região D. Assim, atualmente, conta com seis outras organizações de produtores de leite. Em 2014, a Cooperativa Nazaré tinha 120 membros, dos quais 100 ativos. Toda a infraestrutura atual da Área D pode armazenar cerca de 20.000 litros de leite, de acordo com a contagem dos tanques pessoais e reservatórios das cooperativas.

Essa agricultura tem mais características do que simplesmente a produção agrícola, uma vez que ela pôde evitar o êxodo rural, ancorando as famílias no território (AUBRON, 2006). A expansão da pecuária no setor familiar é uma intensificação do processo em todo o continente sul-americano e a cultura do "gaúcho" se estende para além das fronteiras nacionais. Nas áreas de fronteira, o gado é percebido como "a riqueza do migrante", na medida em que representa um capital social ou patrimônio transmissível à descendência ou pode ser vendido em caso de necessidade urgente (TOURRAND, 2009; DUTEURTRE; FAYE, 2009).



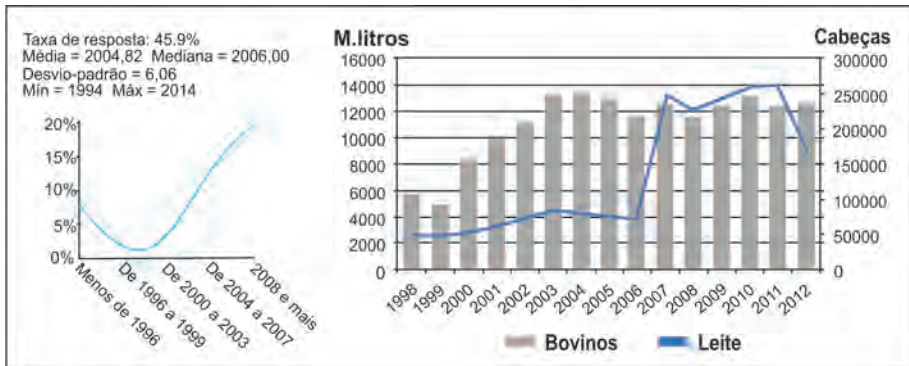


Gráfico 1: Ano do início da produção leiteira, à esquerda, e evolução da produção, à direita (fotomontagem).

Fonte: Autor desconhecido.

As pequenas propriedades do setor D têm, em média, 35 hectares de terra, embora os lotes iniciais fossem 50 hectares. Agora, 28 hectares são destinados ao pasto em um lote, o que representa mais da metade de cada lote. Poucas propriedades estão em ordem com o Código Florestal para as APPs; no entanto, os pioneiros que apuraram as parcelas não são todos os produtores de hoje. Finalmente, poucos parecem ter permanecido. Os lotes são habitados por famílias de uma a três gerações. Foram encontrados lotes com várias casas de uma mesma família e a força de trabalho é exclusivamente dentro da unidade familiar, tornando comum ver os laços familiares entre diferentes lotes dos proprietários.

Cada sítio tem uma média de 30 vacas leiteiras. Mas esse valor é uma média sabendo que algumas propriedades têm menos de uma dúzia de vacas e outras perto de uma centena. Para 74% delas, a ordenha é feito manualmente. Estruturas sociais e fundiárias, bem como as restrições sazonais da chuva parecem, assim, elementos importantes para a compreensão da diversidade das situações observadas no campo.



Figura 3: Sede da Associação Nazaré, 2013 e 2014 (fotomontagem).  
Fonte: Fotografias de campo, Q'enty Delgado e Vincent Nédélec, 2013 e 2014.



Figura 4: Coleta de leite no Setor D (fotomontagem).  
Fonte: Fotografias de campo, Q'enty Delgado e Vincent Nédélec, 2013 e 2014.



Figura 5: Culturas de café e teca (no fundo) e pastagens do setor D, 2013 e 2014 (fotomontagem).

Fonte: Fotografias de campo, Q'enty Delgado e Vincent Nédélec, 2013 e 2014.

## **O peso das condições climáticas sobre a produção e a diversidade das propriedades**

Dentro de uma propriedade agrícola, a produção de leite é determinada por vários fatores, dentre eles: gado (raça, condição fisiológica) e as alimentações (o tipo de capim, a área de pastagem). As práticas agrícolas e a escolha de recursos de pastagem pelo agricultor são cruciais, especialmente quando a alimentação do gado se esgota, principalmente durante a estação seca, de maio a setembro. Pode-se, portanto, esperar que a precipitação influencie na qualidade e quantidade de forragem disponível para o gado e esta é uma grande preocupação para os produtores (HOSTIOU, 2004; HAVET et al., 2010).

No entanto, esse componente da pesquisa foi particularmente difícil porque muitos produtores têm demonstrado pouco interesse ou fizeram discursos embasados em fatos ouvidos na televisão sobre as mudanças climáticas. Na Área D, o esquema de monitoramento do clima é muito menos cuidadoso do que para os grandes proprietários de terras que cultivam soja mais ao sul do Mato Grosso (DUBREUIL, 2005; ARVOR, 2009). Nenhum talhão ou sítio possui meios para medir as chuvas localmente. Os criadores estão se concentrando no gado e na forragem. No questionário aplicado, houve várias não respostas ou respostas muito aproximadas sobre as questões referentes ao início e ao fim da estação chuvosa e a percepção de mudança. Poucos agricultores são informados sobre o tempo. Também foi muito difícil obter anos de referência de chuvas pesadas ou secas. No entanto, através da produção, alguns agricultores foram capazes de revelar algumas informações. Assim, durante a estação chuvosa, o sistema de água pode dificultar o desenvolvimento dos recursos forrageiros, por causa de alagamentos e pisoteio gerado pelo gado. A estação seca também pode levar à morte de alguns animais.

Assim, surpreendentemente, o clima, especialmente a precipitação, é um dos fatores essenciais para a produção de forragem destinada ao gado, mas não parece ser uma prioridade para os produtores.

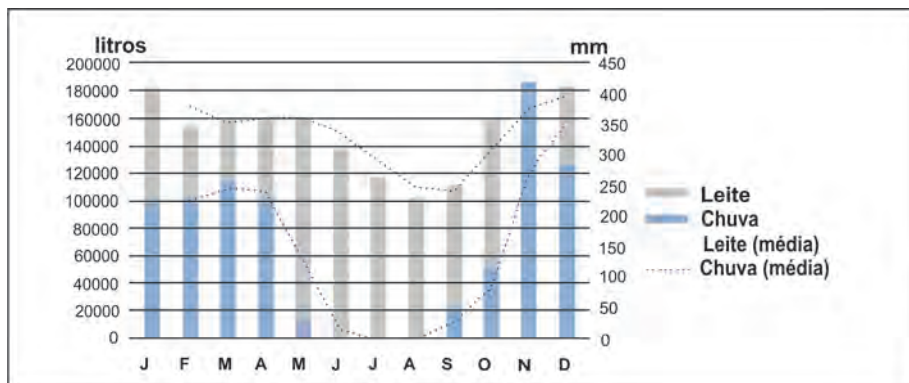


Gráfico 2: Leite e precipitação em Carlinda: média 2008-2013

(histograma) e média móvel (curvas).

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.

Para analisar melhor a agricultura familiar e as suas práticas de adaptação frente à mudança das estações, pareceu apropriado construir uma classificação das propriedades. As variáveis estão relacionadas ao lote (tamanho, número de cabeças), sua produção durante o ano, as práticas (rotação, tipos de culturas, etc.) e a renda. Os perfis obtidos são os seguintes:

### 1) Grupo A: grandes fazendas na Área D

O tamanho da propriedade é superior à média. A produção durante a estação chuvosa é maior que a média com 227,50 litros. Todas essas fazendas, sem exceção, estão equipadas para a ordenha mecanizada. Os suplementos alimentares são dados ao longo do ano. Essas propriedades mostram que "vão industrializar" e elas estão tentando manter ou expandir como uma fazenda de gado leiteiro. Das quatro fazendas dessa classe, duas pertencem aos representantes da associação Nazaré. Eles parecem ter um real interesse e conhecimento da produção de leite. Dada a sazonalidade, esse grupo parece ter se adaptado às práticas, nomeadamente em termos de duração do suplemento alimentar para que a diferença na produção entre a estação chuvosa e a estação seca não seja importante. Eles dão suplementos alimentares ao longo do ano



para aumentar a produtividade durante a estação chuvosa e para manter a produção elevada durante a estação seca;

2) Grupo B: as pequenas propriedades muito produtivas durante a estação seca

A produção de leite é elevada durante o período de chuvas, com 212,5 litros produzidos, em comparação com a média do setor. As parcelas são particularmente pequenas com uma média de 22,5 hectares, por propriedade, e com 19,5 dedicados para pastagens. Essa classe também se distingue pelo fato de que a rotação é praticada por todos, mas nenhuma prática se faz unicamente durante a estação seca. Esse grupo tem, em média, parcelas menores; mas com uma forte produção durante a estação seca e a estação chuvosa. No entanto, a diferença de produção entre as estações do ano é a mais alta. O número de vacas leiteiras é importante, com cerca de 39 por sítio. A alta densidade animal não ajuda a manter uma produção tão elevada durante o período seco. A rotação de pastagem é feita tanto ao longo do ano ou apenas durante a estação chuvosa. As práticas agrícolas para evitar a queda na produção durante a estação seca, não parecem ser adotadas. O uso de alimentos complementares é utilizado apenas em três meses e meio, o que é baixo em comparação com outros grupos. Esses produtores podem viver confortavelmente com uma produção abundante, mas manter a produção durante a estação seca não é uma prioridade;

3) Grupo C: grandes propriedades com baixa produção (secundária) ao longo do ano

As propriedades e a superfície de pastagens são particularmente grandes em comparação com a média, mas não atingem os índices do grupo A. A rotação das pastagens é praticada por todos, mas não durante o período seco. Esse perfil é o mais comum na amostra estudada. Nessas propriedades, a maioria manteve o tamanho dos lotes inicialmente concedidos a famílias pelo INCRA, ou seja,



50 hectares. A área de pastagens é extremamente larga, com 38 hectares, e o número médio de vacas leiteiras é relativamente baixo. Assim, a densidade animal não é muito importante e permite mais recursos forrageiros por cabeça. A produção de leite é relativamente baixa, tendo em conta os 38 hectares de pasto, abaixo de cerca de 50% durante o período seco. Para compensar a produção da "baixa temporada", o suplemento alimentar é dado durante três meses, em média. De fato, esse grupo não vive apenas da produção de leite que parece ser uma produção secundária;

#### 4) Grupo D: pequenas propriedades mais tradicionais

Os tamanhos das propriedades e superfícies de pastagens são particularmente baixos, com uma média de apenas 14,6 hectares de pastagem. Os suplementos alimentares são dados em um tempo muito curto (cerca de um a dois meses). A ordenha é apenas manual. A rotação dos pastos é praticada durante todo o ano ou nunca. Esse grupo representa a produção mais "tradicional" ou camponesa, isto é, o oposto da propriedade industrial e produtivista. Essas propriedades produzem em pequenas parcelas. Assim, essa forma de produção se mostra com menos vontade para produzir mais e com menor concentração em uma única produção. A produção de leite, embora baixo, é mais constante ao longo do ano do que os outros grupos;

#### 5) Grupo E: grandes pecuaristas, pequenos proprietários

O número de vacas leiteiras é muito importante (88 em média). A rotação dos pastos é praticada durante todo o ano ou nunca. Esse grupo tem duas propriedades, cujo tamanho se reduz a área de 35 hectares com uma grande proporção de pasto em relação à área total. Esse grupo alcançou o terceiro lugar para a produção de leite durante a estação chuvosa, mas sofreu uma queda na produção de mais de 67% durante a estação seca. A ordenha é feita manualmente e os suplementos alimentares são dadas em um período de quatro meses. Essas propriedades estão mal adaptadas para a estação seca. A densidade animal em

pequenas áreas pode causar falta de ração, especialmente durante a estação seca quando o capim é menos nutritivo;

#### 6) Grupo F: criadores sazonais

A produção de leite é muito baixa durante todo o ano, até atingir zero durante os meses secos. Os suplementos alimentares são dados por um longo período em comparação com outras fazendas. Esse grupo é o único com uma produção sazonal. De acordo com os dados do laticínio Marajoara, vários produtores operam assim no setor D, com a venda de leite apenas durante a estação chuvosa. Isso porque eles se dedicam a outras atividades agrícolas, tais como a venda de carne de novilhos, frutos ou porque eles recebem benefícios sociais (como aposentadoria). O leite permite-lhe fazer a renda extra. É uma forma de agricultura de subsistência.

#### **Condições de vida melhorando, mas um futuro incerto**

As famílias do setor D vivem, em média, com 1,2 salário mínimo brasileiro por mês, ou seja, R\$ 1.448,00 reais (336,00 € valores em 2014). A contribuição econômica é principalmente de dois tipos: pecuária leiteira e assistência social (principalmente aposentadoria). O salário exterior recebido pelos membros da família pode ser considerado como uma contribuição financeira, embora seja menos comum. Esses trabalhos externos são principalmente para as mulheres, em especial nos setores de serviços (escola). O capital dessas famílias não é negligenciável (o lote e o rebanho de gado), mas elas vivem de maneira muito simples. O nível de equipamento da família é muito bom e tem melhorado muito durante os 10 anos (em conformidade com o programa de eletrificação do campo, em particular). No entanto, a falta de serviços públicos eficientes (serviços médicos, transportes, escolas) encoraja as famílias a empurrar os jovens para um futuro diferente do que o trabalho da terra. Apenas os jovens apaixonados pelo gado e que desejam manter a produção permanecem na terra, quando herdarem de seus pais.

Desde 2011, uma diminuição da produção de leite é observada. O mercado de leite está se tornando mais internacional; e até na cidade de Carlinda, é comum ter produtos lácteos baratos de outras regiões, incluindo outros países (Argentina, por exemplo). Além disso, esse espaço tem vivenciado o êxodo rural para as cidades de Alta Floresta ou Sorriso. Nesses últimos anos, a soja e a carne aumentaram seus preços de forma muito significativa. Em Carlinda, esse fato incentivou os agricultores a investir ou se especializar em engorda do gado e diminuir a produção de leite. Essa pecuária leiteira é realizada em um sistema "tradicional" e longe da industrialização da produção. Apenas uma minoria de produtores tenta diversificar a produção com outras culturas (frutas, mandioca, feijão). Essa prática é amplamente promovida pela ONG IOV, que tenta unir os agricultores em torno de sistemas agroflorestais.

A tradição também depende da origem dos colonos: um terço dos proprietários nasceram no Paraná, grande área agropecuária do sul do Brasil. Isso pode explicar a forte presença da cultura "gaúcha". Para o restante, 18% vêm do Estado de São Paulo e 12% de Mato Grosso do Sul. Apenas 3%, referente à percentagem dos mais jovens entrevistados, nasceram no Mato Grosso. Tudo isso é um reflexo de uma comunidade que emergiu recentemente. No entanto, em relação à idade, tem-se uma população relativamente em envelhecimento, com uma média de 48 anos. A faixa mais representada são os homens entre 55 e 59 anos. As propriedades maiores são muitas vezes geridas por uma família de várias gerações. As menores, entretanto, são geridas por casais cujos filhos fugiram para outros horizontes.

Entre os entrevistados, há mais homens do que mulheres e, culturalmente, o lote é transmitido de pai para filho, mais do que de pai para filha. As mulheres jovens são forçadas a deixar a região para estudo, trabalho ou casamento. Há uma pequena proporção de jovens, devido ao processo de migração rural, atraídos pela cidade ou trabalhando mais ao Sul, no setor de agronegócios mais rentável. Assim, grandes fazendas no entorno continuam a se expandir e comprar as melhores terras da região de produção leiteira, embora aparentemente sabendo melhor respeitar as leis do Código Florestal Brasileiro.

## **Conclusão**

O setor D de Carlinda é o exemplo de uma pequena bacia leiteira criada no início dos anos 2000, sobre as ruínas de um assentamento semipúblico. O desenvolvimento da pecuária leiteira permitiu que pequenas propriedades pudessem desafiar a competição contra as grandes fazendas que se estendem mais ao norte do município e do Estado.

De fato, o clima tropical da região é favorável para a criação de gado leiteiro e de engorda. No entanto, Carlinda é submetida a uma alternância de estação seca e estação chuvosa muito forte, bem como uma forte variabilidade interanual e uma ligação parece existir entre a produção de leite e a precipitação. As mudanças das estações e uma longa estação seca pode, drasticamente, enfraquecer as propriedades mais frágeis. A falta de recursos alimentares durante a estação seca demanda uma disponibilidade alimentícia ao gado que representa um custo elevado para os pequenos produtores. No entanto, a observação da precipitação por parte dos agricultores não é uma prática generalizada. A falta de interesse dos agricultores em relação ao clima e/ou o tabu em torno do clima das regiões amazônicas desmatadas tornam as entrevistas de campo difíceis. Poucos criadores parecem observar o clima, mas, no entanto, parecem adaptar as suas práticas agrícolas para essas alternâncias das estações.

Hoje, podemos questionar qual o futuro dessas áreas de pecuária, onde a implementação parece frágil. Ao longo do tempo, as condições de vida melhoraram, mas sem chegar ao alto nível de desenvolvimento econômico comparado as regiões da soja. No setor D do município de Carlinda, o envelhecimento da população e a migração para a cidade ou para às regiões da BR-163 é uma realidade para os jovens.

<b>Alta Floresta - Carlinda</b>		
<i>Área</i>		
<b>Região</b>	Norte do estado de Mato Grosso.	
<b>Estatuto legal</b>	Projeto de Assentamento (PA).	
<b>Vegetação</b>	Cerrado / floresta mesófila.	
<b>Acesso</b>	Estrada.	
<b>Comunidade estudada</b>	Setor Ouro Verde.	
<b>Atividades econômicas principais</b>	Leite, cana de açúcar.	
<b>Aposta de sustentabilidade</b>	Valorização da agricultura familiar, reflorestamento.	
<b>Equipe de campo</b>	Vincent Nédélec, Q'enty Delgado, Valdileine Siqueira, Vincent Dubreuil.	
<i>Características do sítio</i>		
	<b>DURAMAZ 1</b>	<b>DURAMAZ 2</b>
Área desmatada	84.7 %	89.2 %
Moradias pesquisadas	81	52
Número médio de filho por família	1.5	1.8
<i>Condições de vida</i>		
Acesso à rede elétrica 24hs	100 %	95 %
Acesso à água encanada/tratada	0 %	0 %
Custo médio para ir à cidade (R\$ ida e volta)	50	9
<i>Renda e nível de vida</i>		
Renda média (salários mínimos)	2.84	3.4
Pessoas com meio de transporte motorizado	70.1 %	84.6 %
Pessoas com telefone celular	91.3 %	76.9 %
<i>Modo de vida</i>		
Pessoas que costumam caçar	1.2 %	17.3 %
Pessoas que costumam pescar	3.7 %	46.2 %

Tabela 1: Síntese dos indicadores para o sítio Carlinda.

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.